



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LUCINEIDE SILVA DE LIMA FERREIRA

**O LEGADO TEÓRICO DE KARL MARX E A TESE DA BURGUESIA COMO
CLASSE OPRESSORA**

**CAMPINA GRANDE
2019**

LUCINEIDE SILVA DE LIMA FERREIRA

**O LEGADO TEÓRICO DE KARL MARX E A TESE DA BURGUESIA COMO
CLASSE OPRESSORA**

Artigo científico apresentado como forma de trabalho de conclusão de curso no Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura plena em História.

Orientador: Prof. Ms. Matusalém Alves de Oliveira

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383I Ferreira, Lucineide Silva de Lima.
O legado teórico de Karl Marx e a tese da burguesia como classe opressora [manuscrito] / Lucineide Silva de Lima Ferreira. - 2019.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Me. Matusalém Alves de Oliveira, Departamento de História - CEDUC."
1. Proletariado. 2. Classes dominantes. 3. Historicidade da burguesia. 4. Teoria marxista. I. Título
21. ed. CDD 907.2

LUCINEIDE SILVA DE LIMA FERREIRA

**O LEGADO TEÓRICO DE KARL MARX E A TESE DA BURGUESIA COMO
CLASSE OPRESSORA**

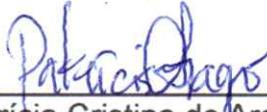
Artigo científico apresentado como forma de trabalho de conclusão de curso no Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura plena em História.

BANCA EXAMINADORA

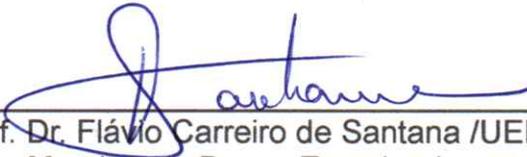
Defendida em: 12 de junho de 2019.



Prof. Ms. Matusalém Alves de Oliveira /UEPB
Orientador



Prof.ª Dr.ª Patrícia Cristina de Aragão Araújo /UEPB
Membro da Banca Examinadora



Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana /UEPB
Membro da Banca Examinadora

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, alicerce em minha vida e possibilitador desta e de todas as vitórias conquistadas ao longo dos anos, conhecedor de todas as batalhas que foram vencidas até este momento chegar e, com glória e muito amor, é um mérito primeiramente dele que esteve comigo durante todo tempo. Posteriormente, à minha família que culmina juntamente comigo em todos os episódios importantes que marcam a minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pai celestial e quem concede todas as etapas de minha vida em seu tempo e exímia perfeição.

À minha família, pela paciência e incentivo possível para a realização de mais uma etapa em minha vida.

Ao professor e coordenador do curso de licenciatura plena em História, Matusalém Alves Oliveira, pela atenção e dedicação ao longo do tempo de curso.

A todo o corpo docente do curso que foram de imensa importância para que esse trabalho fosse realizado.

Aos funcionários da instituição que possibilitam o funcionamento regular desta, possibilitando assim, um melhor desenvolvimento acadêmico para os alunos.

Aos meus amigos e colegas, pelo apoio e incentivo constante.

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. (Karl Marx)

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
1 INTRODUÇÃO	8
2 SURGIMENTO DA BURGUESIA.....	9
2.1 O Comércio na Antiguidade.....	11
2.2 Era Feudal	13
2.3 A ascensão da burguesia.....	15
3 DE OPRIMIDA À CLASSE OPRESSORA DO PROLETARIADO	17
4 A VIDA DE KARL MARX	19
5 O LEGADO TEÓRICO DE KARL MARX.....	21
5.1 A burguesia sob a ótica de karl marx.....	22
5.2 Teóricos e políticos influenciados pela teoria marxista.....	24
5.2.1 Lenin	24
5.2.2 Stalin	26
5.2.3 Che Guevara	28
5.2.4 Mao Tsé-Tung	30
CONCLUSÃO	33
ABSTRACT.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

LEGADO TEÓRICO DE KARL MARX E A TESE DA BURGUESIA COMO CLASSE OPRESSORA

Lucineide Silva de Lima Ferreira¹

RESUMO

O presente trabalho se trata de uma análise teórica acerca da burguesia e seu desenvolvimento e consolidação como classe dominante sob a ótica do filósofo socialista Karl Marx e de seu legado como cientista social. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é buscar entender a transição da burguesia como classe oprimida para se tornar a classe opressora do operário moderno, através de uma análise histórico-social, visando, ainda, ressaltar o conceito de classe e suas particularidades a fim de compreender o espaço conquistado pela classe burguesa no século XXI. Em síntese, descreve-se a historicidade da burguesia e sua ascensão nos diferentes períodos da história, bem como a biografia de Marx e alguns teóricos e políticos influenciados pela teoria marxista. A metodologia utilizada baseia-se na pesquisa bibliográfica para contextualizar a temática. As informações foram analisadas a partir de uma abordagem qualitativa com o intuito de destacar a visão marxista acerca do desenvolvimento da burguesia. Conclui-se que foram muitas as contribuições de Marx para lutas históricas e o entendimento da divisão de classes e da opressão gerada através disto.

PALAVRAS-CHAVE: Karl Marx; Burguesia; Proletariado; Classes dominantes;

1 INTRODUÇÃO

A partir da decadência da era feudal e do surgimento da Revolução Comercial e Urbana, por volta dos séculos XI e XII, a classe burguesa encontrou espaço, tendo em vista que a Europa passou por diversas modificações nos campos político, econômico, social e cultural a partir desses momentos de transição histórica.

Formada por mercadores e camponeses que vivam nos chamados burgos, a burguesia conseguiu sua ascensão com a expansão comercial que foi intensificada pela expansão ultramarina dos séculos XV e XVI, pelas Cruzadas e também pela abertura do Mar Mediterrâneo. Tudo isso possibilitou ampliar as relações comerciais,

¹ Discente do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Paraíba, Brasil.
E-mail: slima.lucineide@gmail.com

bem como desenvolver o comércio interno das cidades, impulsionadas pelas feiras. O surgimento das cidades foi um fator importante para a formação da burguesia.

Na época, a sociedade era dividida em três camadas: o clero, que representava a Igreja; a nobreza, composta pela classe detentora das forças militares e de uma parcela considerável das terras disponíveis no mundo feudal; e, por fim, o povo, que possuía a função trabalhadora. As duas primeiras camadas estavam isentas do pagamento de impostos ao Rei e, além disso, possuíam diversos poderes.

Com efeito, a nobreza, que foi a maior detentora do poder, aos poucos vai perdendo espaço para a burguesia. O povo, que anteriormente trabalhava para a nobreza e o clero, vislumbrou no comércio a ascensão social, econômica e política, ou seja, com o passar do tempo, a classe burguesa se consolida.

A partir do desenvolvimento sociopolítico do fim da Idade Média, do apoio à Reforma Protestante de Lutero e da aliança da burguesia com o rei, em vista de interesses econômicos, a burguesia ganha cada vez mais visibilidade, e, assim, passa de classe oprimida para classe opressora.

Com o advento da indústria nas mãos burguesas, surge a necessidade de mão de obra para trabalhar na base industrial, nascendo o proletariado como fonte de exploração da burguesia.

Partindo de uma visão histórico-social, o presente estudo visa compreender o caminho percorrido pela burguesia para se tornar uma classe opressora do proletariado, seguindo os caminhos apontados pelo viés teórico do filósofo Karl Marx, que, segundo a teoria marxista, a burguesia passa a ser a classe dominante do sistema capitalista que detém a riqueza dos meios de produção atual, em oposição à classe operária.

2 SURGIMENTO DA BURGUESIA

A palavra burguesia se origina do latim “*burgus*”, que, traduzindo ao português, quer dizer cidade. Os burgueses eram os habitantes dos burgos, que eram pequenas regiões medievais onde era feito comércio por parte de camponeses. A burguesia então surgiu a partir do comércio.

De acordo com Marx e Engels (1999, p. 23) “a história de toda sociedade até nossos dias é a história da luta de classes” e, nesse sentido, desde o início da história

da sociedade é possível observar a sua organização em diferentes grupos, de diferentes situações sociais e em variados níveis hierárquicos. Esta organização de camadas sociais numa diversidade de subdivisões hierárquicas passou também a favorecer o fortalecimento da classe burguesa como classe dominante, sobretudo após o surgimento das relações de comércio.

O período medieval, nesse sentido, caracterizou-se como um período de importantes mudanças e transições no modelo socioeconômico, impulsionando o desenvolvimento comercial, sobretudo com a expansão das rotas marítimas, que possibilitou também a expansão das relações de comércio entre o Oriente e Ocidente.

Segundo o filósofo Émile Durkheim (1995), ao contrário do que geralmente se imagina, o período Medieval não representou apenas uma etapa histórica intermediária entre a Antiguidade e o Renascimento, mas sim um momento de elaboração de uma civilização totalmente nova, com uma nova concepção e novas ideias.

Desse modo, a burguesia, que foi fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, expandiu-se principalmente com a acentuação das atividades comerciais nas cidades durante o período feudal. Durante este período os burgos passaram a se desenvolver e crescer economicamente, ampliando seu espectro de comercialização além dos muros destas cidadelas. Do legado dessa ampliação surgiram a formatação de novas concepções acerca das relações de mercado e novas ideias que contribuíram para a concentração de riquezas por parte de uma determinada classe.

Assim, a burguesia surgiu, sobretudo, através da imposição da classe dominante dos burgos, que passaram a dominar o comércio e, posteriormente, os meios de produção, o que fez, por consequência, tornar esta classe conhecida como burguesia.

A burguesia moderna, que surgiu através do processo de descaracterização do período feudal não veio fazer uma oposição de classes, pelo contrário, substituiu antigas classes por novas, fazendo surgir novas formas de opressão e, conseqüentemente, novas formas de luta. Dos servos da Idade Média, originaram-se os cidadãos das primeiras comunas, dos quais surgiram os primeiros componentes da burguesia, tal como passou a ser reconhecida (MARX; ENGELS, 1999).

O comércio, grande propulsor da ascensão da classe burguesa, reacendeu durante a decadência da era feudal, porém, já representava uma forte relevância ainda na antiguidade. As relações de comércio e mercado, portanto, foram fundamentais para a caracterização e surgimento da burguesia.

2.1 O Comércio na Antiguidade

O comércio do Império Romano era um setor muito importante da economia durante a República no início e durante a maior parte do período imperial.

O principal centro comercial na Roma Antiga era o Fórum Cupedino, um mercado onde várias iguarias foram vendidas, este espaço mais tarde, passou a ser popularmente conhecido como Fórum Magno (Forum Magnum). O fórum romano atraía a maior parte do tráfego comercial. O fórum comercial ou mercantil, chamado venálio (Forum Venalium), veio a existir sob o império por causa do crescimento da cidade e o aumento nos negócios provinciais.

Até o século I, as províncias do Império Romano estavam negociando grandes volumes de mercadorias umas às outras por rotas marítimas. Houve uma tendência crescente a especialização, particularmente na área de manufatura, agricultura e mineração. Algumas províncias especializadas na produção de determinados tipos de produtos, como grãos no Egito e na África do Norte e do vinho e do azeite na Itália, Hispânia e Grécia.

Para Boleta (2007) o período da queda do Império Romano, na antiguidade, foi de fundamental importância para o desenvolvimento do comércio e das cidades, mediante a conquista da liberdade econômica conquistada pelos homens.

Com a crise econômica do século III no Império Romano, a cidade passou a deixar de ser o centro das relações sociais e de comércio, o que fez surgir uma economia ruralista, enfraquecendo o Império e suas atividades comerciais e industriais e dando força a implantação do sistema feudal. Há esse tempo, boa parte dos mercadores que comercializavam seus produtos na cidade eram sírios ou judeus, tendo em vista a precarização da produção local. O império passou então a limitar suas atividades comerciais à compra de escravos, armas e artigos de luxo, por exemplo (BOLETA, 2007).

Os escravos eram uma parte essencial no comércio na Roma antiga. Eles participaram na produção, transporte e venda de mercadorias, e eram também produtos comprados e vendidos nos mercados romanos. Estima-se que 49% de todos os escravos eram propriedade da elite. Cerca de metade de todos os escravos vendidos trabalhavam no campo, onde eles eram uma pequena porcentagem da população,

exceto em algumas grandes propriedades agrícolas, especialmente imperial. No entanto, explica Nunes (2007):

Nas civilizações escravagistas, não era pela via do aperfeiçoamento dos métodos de produção que os senhores de escravos procuravam aumentar a sua riqueza; e os escravos, sem qualquer interesse nos resultados do seu trabalho, não se empenhavam na descoberta de técnicas mais produtivas (NUNES, 2007, p. 84).

Nunes (2007) explica ainda que a expansão colonial da Grécia e Roma nesse período, influenciada pelo trabalho escravo aconteceu, principalmente, por meio do acumulo de riquezas advindo da conquista de territórios, que fornecia mais escravos e mais impostos.

Diante das dificuldades econômicas internas, o Império Romano passou a ser alvo de ataques de bárbaros, que aos poucos foram se apropriando de territórios romanos, dando origem a uma nova aristocracia fundiária. Nela, os camponeses libertos e agregados as novas terras apropriadas pelos bárbaros passaram a ser tratados como servos, o que deu origem as denominações senhoriais características da Idade Média (NUNES, 2007).

Lentamente, o número de escravos declinou ao longo do Alto Império, chegando, no século 3, a uma situação de escassez definitiva. E o primeiro efeito da crise do escravismo foi a crise econômica, gerando alta de preços, escassez e desabastecimento das cidades.

A crise econômica abalou as estruturas de produção, devido ao aumento contínuo das taxas de impostos administrativos, altas despesas burguesas em habitação nos centros urbanos, desvalorização da moeda, deterioração das condições de vida das classes inferiores pelo difícil acesso a folles de bronze, encarecimento dos produtos e substituição do pagamento em dinheiro por produtos, o que ocasionou a decadência do comércio.

Houve um aumento sistemático das importações de produtos agrícolas. Isso significava um aumento da saída de moedas do Império, agravado pelo fato de as minas de metais preciosos estarem esgotadas.

O somatório desses elementos assim como a insegurança crescente das rotas e o do advento do colonato geraram uma grave crise financeira que, por sua vez, provocou o declínio do comércio e de toda a atividade urbana, causando uma abertura

para o surgimento do feudalismo. Enquanto o comércio durou, desempenhou um grande papel histórico e cultural.

Sendo assim, com o crescimento do êxodo urbano e o aumento da tendência da vida agrária, sobretudo em territórios agora comandados, povoados e dominados por bárbaros e camponeses, que agora eram servos, ganhou força a caminhada rumo ao sistema feudal.

2.2 Era Feudal

Para entender como ocorreu o renascimento das cidades e do comércio faz-se necessário pontuar algumas questões da Antiguidade, período da queda do Império Romano, que foi onde se deu o princípio de todo esse processo, onde surgiram elementos fundamentais para que as cidades e o comércio se desenvolvessem, mostrando as mudanças que ocorreram conforme os homens foram se organizando e ganhando, paulatinamente, uma liberdade econômica.

A grave crise econômica que começou abalar o Império Romano a partir do século III, fez com que a cidade deixasse de ser o centro da vida, ocorrendo assim uma ruralização econômica. Conforme o Império se enfraquecia, suas dificuldades militares aumentavam. No século V, as invasões bárbaras contribuíram para que o Império Romano do Ocidente ruísse completamente. As atividades comerciais e industriais quase desapareceram, ficando limitadas à compra e venda de artigos de luxo, linho, lã, armas e escravos. A indústria ficou restrita às atividades de artesãos. Com essa tendência da economia voltada à vida agrária ganhava força a caminhada rumo ao sistema feudal.

Guizot (1907), historiador do século XIX e estudioso do período medieval nos pontua em seus escritos que após um longo período de caos onde a sociedade se deslocava para todos os lados formando pequenas sociedades, os homens da Europa Ocidental, com a implantação do feudalismo, finalmente, encontraram a paz e uma nova maneira de viver.

Contudo era uma nova sociedade que ia começar, tão necessária, tão inevitável, tão completamente a única consequência possível do estado anterior, que tudo coube no seu molde e adotou a sua forma. Os elementos que mais repugnavam a este sistema, a igreja, as comunas, a realeza, tiveram que se lhe amoldar (...) (GUIZOT, 1907, p.120).

De acordo com Nunes (2007) a vida social no sistema feudal era marcada pela subordinação de indivíduo a indivíduo, na qual existia uma relação de interdependência ou dependência pessoal. Uma relação servil, na qual todo homem era servo de outro homem. Entraram, nesse novo sistema, todos os elementos da sociedade, todos os pormenores da vida comum era assunto do feudalismo.

Com a consolidação do feudalismo passou a ocorrer o crescimento da economia e o conseqüente renascimento das cidades e do comércio. O impulso para a implantação do feudalismo ocorreu com a expansão da dominação islâmica, que fechou as rotas de comércio no mar mediterrâneo, meio pelo qual as cidades romanas eram abastecidas e sustentadas (BOLETA, 2007).

Entretanto, as atividades mercantis no sistema feudal nunca foram cessadas completamente. Havia trocas efetuadas em burgos que eram realizadas pelos então burgueses, uma classe de camponeses que pagavam taxas e tributos ao clero e a nobreza e que com o passar do tempo ganharam da nobreza feudal um significativo grau de autonomia e diversos privilégios, como os de manter feiras e mercados, associações civis, milícias, tribunais, conselhos e um corpo de oficiais.

No processo de crescimento dos burgos o estatuto de cidadão adquiriu uma base jurídica diferenciada e passou a ser exclusivo dos habitantes livres e capazes de exercer direitos especiais, particularmente os de natureza política, econômica e associativa, recuperando parte da concepção clássica de cidadania. A este grupo, apenas, ficou restrito o uso do termo burguês, então um sinônimo de cidadão. Os outros residentes dos burgos passaram a ser chamados de "vilãos" ou simplesmente "habitantes", onde se incluíam servos, mercenários e artistas itinerantes, aventureiros, trabalhadores não especializados e outros componentes da classe mais baixa, que praticamente não possuíam nenhum direito.

Em torno do burgo formavam-se vilarejos que dependiam diretamente do que o burgo tinha a oferecer, isto é, as trocas, compras e venda de produtos nos mercados, as feiras, todo tipo de serviços, os pontos de encontro de mercadores, camponeses etc.

O historiador francês Fernand Braudel, em sua obra "A Identidade da França", explica que, no auge da vida nos burgos, para encontrá-los, bastava procurar onde ficava o médico, o escrivão, o mercado, as feiras etc. Além disso, as personagens que povoavam os burgos eram diferentes tanto dos servos camponeses que viviam nos feudos quanto da aristocracia.

Abaixo segue uma descrição que Braudel faz de um burgo a partir de narrativas de cronistas da época:

[...] As camponesas "vestidas de negro... usando uma caule (boina branca) ou com um chapéu, instalavam-se sob as tílias para venderem os produtos de sítio: ovos, manteiga, frangos, coelhos, legumes...". Sobre as bancadas cobertas com forros azuis, vermelhos, verdes, e nas loas de praça, tudo era vendido em confusão: forcados, ancinhos, foices, utensílios domésticos, louças, tecidos, roupas, balas e pães de especiaria, linguiças e presuntos... Nos dias de feira apareciam também os vendedores de drogas, curandeiros e o tira-dentes (BRAUDEL, 1989, p. 134.).

Devido ao que fornecia, a burguesia era uma classe que conquistava cada vez mais seu espaço e um notório aumento em seu número, tanto por meio do monopólio da oferta de produtos e insumos, quanto pela dominação de territórios ao redor das cidadelas para o desenvolvimento dos burgos. Desse modo, a classe burguesa pôde ascender e expandir suas atividades mercantis.

2.3 A ascensão da burguesia

Segundo Miglioli (2010):

A sociedade capitalista se caracteriza pelo fato de a burguesia ser a classe que detém a propriedade e o controle dos meios sociais de produção ou, pelo menos, a maior parte deles (a parte restante podendo ser constituída por empresas públicas ou estar em mãos de pequenos proprietários) (MIGLIOLI, 2010, p. 13).

Associado à burguesia, ainda na Idade Média, estava o conceito de capital. O capital era identificado, a princípio, com o excedente, isto é, com aquilo que havia sido produzido para troca e venda, para se obter dinheiro. Foi na atmosfera dos burgos que ganhou corpo a lógica financeira da poupança e do investimento.

Para conquistar o poder de uma classe sobre outra, a burguesia passou por um grande período de formação, crescimento e aprendizagem. Trata-se de um momento transitório, no qual a atividade feudal – decadente, mas ainda fundamental – convivia com uma crescente atividade mercantil (MIGLIOLI, 2010).

Entretanto, deve-se considerar que a agricultura, a atividade feudal, a terra, enfim, estava nas mãos da nobreza, que tinha como um de seus privilégios a isenção do pagamento de tributos. Assim, tudo o que o Estado arrecadasse proviria, necessariamente, da atividade mercantil, a qual teve que ser, portanto, dinamizada.

O mercantilismo foi responsável pelo enriquecimento europeu, pela consolidação das monarquias absolutistas, mas foi, igualmente, responsável pela ascensão da burguesia, a qual, a partir dos lucros gerados pela riqueza mercantil, foi-se tornando cada vez mais rica e independente da prática do Estado (MIGLIOLI, 2010).

A burguesia também ascendia conforme os cavaleiros voltavam das cruzadas, trazendo materiais roubados, com o objetivo de comercializá-los pelo caminho. Fixavam-se fora dos feudos, em pequenas cidades muradas, os burgos, exercendo o comércio por meio da troca de mercadorias. Os senhores feudais não aceitavam tal disparate e consideravam o ato ilegal, impondo a essa nova classe altos impostos, com a intenção de frear seu crescimento (PIRENNE, 1982). Contudo, o desenvolvimento econômico dessa ascendente o grupo social crescia de forma ininterrupta.

Ao ser impiedosamente explorada pelos donos do poder, a burguesia optava pela aliança com o rei, propondo financiar a monarquia, em troca de proteção e incentivo ao desenvolvimento do comércio. A partir dessa aliança, a monarquia, aos poucos, vai ganhando força, o rei passa a centralizar o poder político e a burguesia ganha liberdade de ação comercial.

De acordo com Miglioli (2010):

Durante muito tempo o poder político esteve nas mãos da nobreza, dos grandes senhores de terras, o que não impediu o crescimento e enriquecimento da burguesia. Com a formação das monarquias absolutistas (apoiadas pela burguesia), unificando territórios, mercados, leis, moedas, tributos etc., o poder político se concentrou nos reis. Bastante enriquecida, uma parte da burguesia começou a comprar terras, conquistar títulos de nobreza e, inclusive, a assumir cargos nos governos. Apesar de continuar sendo uma classe subordinada, a burguesia se fortaleceu, adquiriu maior experiência e começou a vislumbrar a possibilidade de tomar o poder (MIGLIOLI, 2010, p. 14).

Os burgueses passam a apoiar à Reforma Protestante de Martinho Lutero com a intenção de derribar a influência da Igreja Católica, por ser uma instituição que pregava a partilha dos bens com os pobres, condenava a obtenção do lucro excessivo, indo diretamente contra os ideais da nova classe (PIRENNE, 1982). Assim, sentia-se a necessidade de uma nova concepção religiosa que fosse ao encontro do espírito capitalista comercial.

Com o início da Revolução Industrial e o conseqüente aparecimento das máquinas, o domínio burguês vai se consolidando social e economicamente.

“[...] e na proporção em que a indústria, o comércio [...] se estendiam, a burguesia também se desenvolvia, aumentava seus capitais e colocava num plano secundário todas as classes legadas pela Idade Média” (GUIZOT, 1907).

Como detentora dos meios de produção e dos instrumentos de trabalho, a burguesia alcança o ápice do poderio econômico. Para o trabalho pesado convoca uma mão de obra assalariada, que passa a ser explorada, com péssimas condições de trabalho, salários baixos e carga horária muito alta.

Com a chegada da burguesia ao poder os ideais liberais passaram a se converter em concepções políticas, especialmente nos séculos XVII e XVIII, e passaram a influenciar, juntamente ao pensamento iluminista, movimentos de emancipação e movimentos sociais (BIGOTO, 2017).

Como consequência de tudo isso, a burguesia “conquistou finalmente o domínio político exclusivo no Estado representativo moderno. O poder político no Estado representativo moderno nada mais é do que um comitê para administrar os negócios comuns de toda a classe burguesa”.

3 DE OPRIMIDA À CLASSE OPRESSORA DO PROLETARIADO

A partir da conquista do poder e da necessidade de trabalhadores para as atividades laborais, sobretudo as industriais, a burguesia passou a fazer surgir uma nova classe que nasce sob seus olhos e para suprir suas necessidades básicas e econômicas: o proletariado.

O interesse da burguesia é somente na força de trabalho oferecida por essa nova classe, não se preocupando com as condições trabalhistas que proporcionam saúde e segurança aos operários. O não investimento nesse setor se dá em razão de saber que o descontentamento dos funcionários ativos e sua conseqüente saída da indústria não interferirá na produção, já que existe uma grande reserva de mão de obra para substituí-los.

Como simples soldados da indústria, são postos sob a vigilância de uma completa hierarquia de suboficiais e oficiais. Não são apenas servos da classe burguesa, do Estado burguês, mas são também, a cada dia e a cada hora, escravizados pela máquina, pelo capataz e, sobretudo, pelo singular burguês fabricante em pessoa (PIRENNE, 1982).

A exploração não se limita aos homens, sendo ainda mais abusadas as crianças e mulheres, pois suas contratações diminuí os custos salariais, devido terem menos especialização profissional. Entretanto, os riscos com a vida só aumentam, por serem seres humanos mais frágeis e a segurança do trabalho praticamente não existir (PIRENNE, 1982).

Além disso, a opressão se prolonga além do campo profissional, “logo que o operário recebe seu salário, caem sobre ele as outras partes da burguesia”, tendo em vista a necessidade da compra de alimentos para subsistência, aluguel da casa, dívidas, etc. O salário torna-se insuficiente até para sua sobrevivência.

Para Marx, à medida que crescem os maquinários e a divisão do trabalho, cresce também a massa de trabalho. E, uma vez determinada a exploração do operário pelo burguês, logo que ele recebe seu salário, cai sobre ele as outras partes da burguesia: as dívidas decorrentes da sobrevivência diária. As pequenas camadas de comerciantes, industriais, artesãos e camponeses que vivem de pequenas rendas, também caem do proletariado, pois suas atividades são suplantadas pelos novos métodos de produção.

Logo, o operário não tem condições de adquirir aquilo que produz, tornando-se um profissional alienado, passando então a igualarem cada vez mais as condições de existência no interior do proletariado, como explica Pirenne (1982):

Os interesses, as condições de existência no interior do proletariado igualam-se cada vez mais à medida que a maquinaria elimina todas as distinções de trabalho e reduz, quase por toda parte, os salários a um mesmo nível baixo. A crescente concorrência dos burgueses entre si e as crises comerciais que disso resultam tornam o salário dos operários cada vez mais instáveis; o aperfeiçoamento constante e cada vez mais rápido das máquinas torna as condições de vida dos operários cada vez mais precárias; as colisões entre o operário singular e o burguês singular assumem cada vez mais o caráter de colisões de duas classes (PIRENNE, 1982).

Nesse sentido, a forte oposição social entre as duas classes passou a se moldar e, para Marx, isso intensifica a necessidade do proletariado se organizar em busca do bem comum, de derrotar a burguesia para acabar com a opressão da massa. A burguesia cria a classe proletária e perde o seu controle, fornece ao inimigo as condições de luta contra o criador e vai construindo seu próprio fim.

Segundo Marx, a ideia de classe liga-se diretamente à oposição de grupos sociais e de suas lutas, pois ao haver uma classe opressora, sempre haverá outra a

ser oprimida e, sendo assim, esta permanece em conflito contínuo por sua independência social, ou seja, o fim da exploração.

Desse modo, ao considerar a opressão do proletariado relatada por Marx, pode-se compreender que esta se dava nos campos político e sociopolítico, de maneira sistemática, de maneira que o trabalhador não passava apenas por situações de coação, mas também àquelas a ponto de atingir altos níveis de exaustão física e psicológica, afetando não apenas suas condições de direitos de trabalho, mas também sua vida pessoal e em sociedade, sua saúde e suas perspectivas.

Além disso, ao evidenciar o proletariado e todas as questões relacionadas a opressão da classe trabalhadora, Marx revolucionou os modos e meios de produção e de trabalho, tanto no campo socioeconômico como também no científico.

4 A VIDA DE KARL MARX

A vida de Karl Marx tem total coincidência com sua obra, tendo em vista a influência de sua vivência e de suas escolhas profissionais, e as consequências decorrentes disto, para o desenvolvimento de suas teorias e a publicação de seus textos e obras. Nesse sentido, faz-se necessário conhecer sua trajetória histórica e pessoal e a implicação destas para a produção do seu trabalho.

Karl Heinrich Marx foi filósofo, sociólogo, jornalista, também intitulado como o pai do comunismo. Nasceu no dia 5 de maio de 1818 em Trier, província ao sul da Prússia - período em que a região hoje conhecida como Alemanha era uma confederação de 39 estados ou reinos. Cresceu em uma família de classe média alta, filho do advogado e conselheiro da justiça Heinrich Marx e da dona de casa Henriette Pressburg, foi o terceiro de nove filhos (KURKDJIAN; LIMA, 2014).

Heinrich Marx e Henriette Pressburg eram judeus e tiveram que se converter ao cristianismo luterano devido à repressão religiosa ocorrida no período da monarquia absolutista prussiana de Guilherme III cuja legislação continha uma proibição de membros de descendência judaica ocuparem cargos públicos.

Devido a problemas respiratórios Marx é dispensado do serviço militar obrigatório e em 1835, após a conclusão dos seus estudos no Liceu Friedrich Wilhelm, com 17 anos de idade, ingressa no curso de Direito da Universidade de Bonn. Heinrich Marx transfere seu filho para a Universidade de Berlim em decorrência do

envolvimento de Karl em uma confusão com um oficial do exército prussiano e seu baixo desempenho acadêmico.

Posteriormente ao ingresso do curso de Direito da Universidade de Berlim, Marx abandonaria o curso passando a estudar na mesma instituição Filosofia. Ele demonstra uma seriedade maior aos estudos da filosofia e exatamente nesse período se propagavam as ideias de Hegel. Logo, tomando por base essas ideias, Karl Marx se junta aos hegelianos de esquerda que buscavam criticar a religião e estudar as questões sociais com o intuito de uma transformação na burguesia da Alemanha.

Em 1841, Marx conclui seu doutorado em filosofia, apresentando sua tese de doutorado onde nela estabelecia um estudo das diferenças entre os sistemas filosóficos de Demócrito e de Epicuro, tendo como modelo as ideias de Hegel que o leva a uma posição política cada vez mais tendente à esquerda republicana filhos (KURKDJIAN; LIMA, 2014).

Numa Prússia extremamente conservadora, Karl Marx não consegue a nomeação para lecionar na universidade devido as suas posições políticas, pois não se aceitava mestres que seguem as ideias hegelianas. Com negação para o ingresso na vida docente, ele passa a escrever artigos na Revista Anais Alemães, de seu amigo Arnold Ruge, mas a censura impede sua publicação.

Em outubro de 1842, o pai do socialismo muda-se para Colônia e envereda pelo jornalismo radical, escreve sobre socialismo para o jornal Rheinische Zeitung, carregando nas críticas aos governos conservadores europeus, conheceu Friedrich Engels neste mesmo ano, durante visita deste a redação do jornal. Marx logo passa a atrair a atenção dos censores a serviço do kaiser e após a publicação do artigo sobre o absolutismo russo, o jornal foi fechado pelo governo em decorrência de um pedido pessoal do czar russo Nicolau I à coroa prussiana (CAVALHEIRO et al., 1998).

Karl Marx era discípulo do barão Ludwig von Westphalen, um aristocrata e vizinho em Trier, foi doutrinado em filosofia e literatura. Em junho de 1843, Marx com 24 anos de idade casa com Jenny a filha do barão, a desgosto do pai, pois ela era mais velha que Karl e para os padrões da sociedade da sociedade prussiana filhos (KURKDJIAN; LIMA, 2014).

Depois do seu casamento com Jenny Von Westphalen, o casal muda-se junto para Paris, lá Marx junto com Ruge funda a revista "Anais Franco-Alemães" e publica os artigos de Friedrich Engels, Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel e Sobre a Questão Judaica.

No final de 1844, em Paris, o pai do socialismo passa a escrever sobre o Vornaerts e essas visões desagradam o governo de Frederico Guilherme V, imperador da Prússia, que pressiona o governo francês para expulsar os colaboradores da publicação, entre eles estavam Marx e seu amigo Engels (CAVALHEIRO et al., 1998).

Em fevereiro de 1845, Karl Marx e sua família tiveram que se retirar da França e passaram a viver em Bruxelas na Bélgica, passando a dedicar-se a escrever teses sobre o socialismo e a ter contato direto com o movimento operário europeu. Ele funda a sociedade dos trabalhadores Alemães (CAVALHEIRO et al., 1998).

Junto com Engels, Karl integra a liga dos justos que era uma entidade secreta composta de operários alemães, com várias filiais por toda a Europa. Durante o segundo Congresso da Liga dos Justos, os amigos Marx e Engels foram requisitados para redigirem um manifesto.

No dia 21 de fevereiro de 1848, com ajuda de Engels, Marx escreve o “Manifesto Comunista”, onde expõe suas ideias principais sobre o materialismo histórico e a luta de classe. Ele apresenta a história do movimento operário, critica o capitalismo e finaliza com um forte apelo pela união dos operários pelo mundo (CAVALHEIRO et al., 1998).

Após Marx participar do movimento revolucionário de 1848 na Alemanha. Pouco tempo depois, Karl e sua mulher são presos e expulsos da Bélgica e em 1849, se instalam em definitivamente Londres.

Em 1852, já estabelecido em Londres, o pai do socialismo publica uma obra chamada de “O 18 Brumário De Luís Bonaparte” fazendo uma análise a respeito do golpe de Estado de Napoleão III. Após cinco anos, Karl publica “Contribuição à Crítica da Economia Política” e em 1867 publica sua obra mais importante, O capital, onde sintetiza suas críticas à economia capitalista (CAVALHEIRO et al., 1998).

No dia 14 de março de 1883, em Londres, Karl Marx com 64 anos de idade falece em decorrência de uma de uma bronquite e problemas respiratórios. Seu corpo foi sepultado em Highgate, cemitério privado no norte da cidade.

5 O LEGADO TEÓRICO DE KARL MARX

Para Karl Marx, as condições econômicas e a luta de classes são agentes transformadores da sociedade. Contra a ordem capitalista e a sociedade burguesa,

Marx considerava inevitável a ação política do operariado, a revolução socialista, que faria surgir uma nova sociedade.

Em sua obra “O Capital”, Karl faz uma síntese sobre o modo de funcionamento da economia capitalista, mostrando que ela está baseada na exploração do trabalhador assalariado e que é produzido um excedente que acaba ficando para o capitalista. O excedente deveria voltar para o trabalhador, segundo as teorias desenvolvidas por Karl Marx, na forma de salário, numa porcentagem do valor equivalente ao que foi produzido, e a outra parte ficaria com o dono dos meios de produção. Essa seria então, o que Marx chamou de “mais-valia”.

5.1 A burguesia sob a ótica de Karl Marx

Desde o século XIX, o conceito de burguesia vem sendo definido como uma classe social que assumiu um protagonismo decisivo nas grandes revoluções políticas modernas. A burguesia, entre outras coisas, conseguiu, aos poucos, subverter o modelo político e econômico montado pelo Estado Absolutista, que vigorou entre os séculos XVI e XVIII. Esse modelo estava ancorado no mercantilismo, sistema que cerceava a livre iniciativa econômica.

O problema é que há outras interpretações do papel histórico da burguesia, que vai além do destaque dado ao seu protagonismo político na modernidade. Há, por exemplo, a visão crítica sobre a burguesia defendida pelos pensadores de esquerda, como Karl Marx, que identificou tal classe como antagônica e inimiga da classe dos trabalhadores, sobretudo dos trabalhadores das indústrias – os operários (ou proletariado). A burguesia, para Marx, comanda os meios de produção capitalistas e, por meio deles, explora a classe operária.

A interpretação de Marx já foi aperfeiçoada e contestada por diversos autores posteriores a ele. A expressão “Luta de Classes” tem origem na teoria do filósofo, historiador, sociólogo, jornalista, economista e socialista alemão Karl Marx.

Para Marx, tudo se encontra em um constante processo de mudanças e o motor dessas mudanças é justamente os conflitos resultantes das diversas contradições que podem existir dentro de uma mesma realidade. Ou seja, na realidade capitalista, essas contradições seriam as distintas posições ocupadas pelas diferentes classes sociais.

É exatamente por conta da luta das classes que toda a história foi construída. Por toda ela, desde o feudalismo e escravidão, houve essa dicotomia de poderes e essas lutas de classes são a força motriz para as grandes revoluções.

Essa é a base da teoria marxista, que procura explicar as relações econômicas nas sociedades ao longo dos anos. Haveria, portanto uma dialética permanente, que explicaria como os movimentos ocorrem de acordo com as condições materiais da vida.

“A história de toda sociedade existente até hoje tem sido a história das lutas de classes” (MARX, 1848). Essa luta contínua de classes, de opressores contra os oprimidos, burguesia contra o proletariado, está presente em todo o ideal marxista, que é posto logo na primeira frase do seu livro “O Manifesto Comunista”:

Seguindo esse preceito de Marx, Engels afirma que as classes sociais nada mais são do que “os produtos das relações econômicas da época”. Na teoria marxista, escravidão, servidão e capitalismo, apesar das diferenças aparentes, são nada mais do que etapas do mesmo processo. A estrutura capitalista promove apenas o interesse da classe dominante. Marx defendia uma inversão dessa pirâmide social, onde o poder estaria nas mãos da maioria, criando um sistema socialista.

No entanto, no sistema capitalista atual, o proletariado é, então, refém da ideologia defendida pela burguesia. Por ter o domínio das grandes corporações e dos principais meios de mídia, a classe do topo da pirâmide espalha sua visão de mundo e sociedade e, assim, acaba influenciando a base, que acredita que seus direitos estão protegidos nas mãos dos grandes.

Essa escravidão ideológica só seria rompida através da educação e revolução do proletariado em busca do seu verdadeiro poder.

Ainda de acordo com a teoria marxista, existe uma alienação do trabalho, onde o criador se torna alheio ao que produz. É um sistema semi-escravista, no qual o empregado cada vez mais se empobrece, conforme produz mais riquezas, essas, que serão desfrutadas apenas pelo empregador.

É aqui que entra a mais-valia, que é justamente a base do lucro do sistema capitalista. O valor pago é totalmente diferente do valor relacionado a carga horária e trabalho executados pelo proletário. Esses dois conceitos só seriam sobrepujados quando o operário começasse a dar valor àquilo que produziu, exigindo seus direitos.

As lutas de classes são, portanto, a contínua disputa do dominador contra o dominado ao longo da história (senhores x escravos, nobres feudais x servos,

burguesia x proletariado). Todo esse ciclo cria uma enorme injustiça social, onde o único jeito de uma pessoa ficar rica seria explorando a classe trabalhadora.

5.2 Teóricos e políticos influenciados pela teoria marxista

Karl Marx influenciou profundamente vários teóricos e políticos com suas Teorias, dentre eles destacam-se Lênin, Stálin, Trótski, Rosa Luxemburgo, Che Guevara e Mao Tsé-Tung. Cada um deles entendia a teoria marxista e a buscava adaptá-la à sua realidade específica. Inúmeros governos se proclamaram socialistas como a URSS, Cuba, Coreia do Norte.

5.2.1 Lenin

A revolução Russa de 1917 foi diretamente influenciada pelas Teorias de Karl Marx. A Rússia, no começo do século XX, era um país de economia atrasada e dependente da agricultura.

Para manter a base do sistema czarista de Nicolau II, na Rússia, os trabalhadores rurais pagavam altos impostos, viviam em extrema miséria e pobreza. No campo reinava uma forte tensão social com a permanência de um sistema de produção feudal, que retardava a modernidade do país.

No dia 9 de janeiro de 1905, um grupo de operários e familiares, liderados pelo padre George Gapon, Desgostosos quanto à forma de governo do czar, marcharam rumo ao palácio de Inverno em São Petersburgo. Nicolau II mostrou a cara violenta e repressiva do seu governo, mandou seu exército fuzilar todos os manifestantes. Esse episódio ficou conhecido como “Domingo sangrento”.

Com a Rússia envolvida com a I Guerra Mundial acarretou uma grave crise socioeconômica e em fevereiro de 1917 o czar abdicou, pondo fim ao czarismo. Após a queda do Czar, assumi um Governo Provisório, inspirado no modelo liberal europeu, mas esse novo governo instalado não atendeu ao pedido da população russa que era a retirada da Rússia da guerra.

Lenin volta do exílio a Rússia, inicia uma campanha favorável a saída da Rússia da I grande guerra mundial e da reforma agrária, defendendo um pacto com o partido

dos soviets. “Paz, pão e terra” e “Todo poder aos soviets!” - Esses eram os slogans de seus discursos.

Leon Trótski, líder do soviete em São Petersburgo, organiza a Guarda Vermelha em apoio à revolução que Lênin propunha. Em outubro de 1917, a Guarda Vermelha, derruba o Governo Provisório, junto com os operários, camponeses e soldados. Lenin é aclamado como o líder do primeiro Estado socialista da História.

Em 1918, iniciou-se uma guerra civil na Rússia. De um lado estava o Exército vermelho e do outro o Exército Branco (antiga elite e descontentes com o novo governo).

Em 1919 foi fundada a III Internacional comunista em seu I Congresso celebrado no mês de março em Moscou. Entre os dias 2 e 6 de março, participaram do Congresso 52 delegados de 30 países, sendo dirigido diretamente por Lenin. Todas as teses apresentadas por Lenin foram aprovadas de forma unânime, sem discussões.

Discurso de Lenin na Terceira Internacional Comunista, órgão de coordenação dos partidos comunistas de todo o mundo:

“Em março do corrente ano de 1919 realizou-se em Moscou o congresso internacional dos comunistas. Esse congresso fundou a III Internacional Comunista: a união dos trabalhadores de todo o mundo que aspiram ao estabelecimento do poder dos soviets em todos os países.

A I internacional, fundada por Marx, existiu de 1864 a 1872. A derrota dos heroicos operários parisienses da célebre Comuna de Paris significou o fim dessa Internacional. Ela é inesquecível, ficará para sempre na história das lutas dos trabalhadores por sua libertação. Ela lançou os alicerces do edifício dessa república socialista mundial que agora temos a honra de construir.

A II Internacional existiu de 1889 a 1914, até a guerra. Esse foi o período em que o capitalismo mais tranqüila e pacificamente se desenvolveu, um tempo sem grandes revoluções. Nesse período, o movimento operário fortaleceu-se e amadureceu em uma série de países, mas os líderes operários, na maioria dos partidos, tendo-se acostumado aos tempos de paz, perderam a aptidão para a luta revolucionária.

Quando, em 1914, começou a guerra que cobriu a Terra de sangue no decorrer de 4 anos (guerra entre capitalistas pela partilha dos lucros e pelo domínio sobre os povos pequenos e fracos), esses socialistas passaram para o lado de seus governantes. Eles traíram os trabalhadores e ajudaram a prolongar a carnificina, tornaram-se inimigos do socialismo, passaram para o lado dos capitalistas.

As massas operárias viraram as costas a esses traidores do socialismo. Em todo o mundo iniciou-se uma virada em direção à luta revolucionária. A guerra mostrou que o capitalismo morreu, que em seu lugar uma nova ordem está chegando e que os traidores do socialismo desonraram a velha palavra

“socialismo”. Atualmente, os trabalhadores que permaneceram fiéis à tarefa de derrubar o jugo do capital chamam-se a si mesmos de comunistas.

Em todo o mundo cresce a união dos comunistas. Numa série de países já triunfou o poder dos soviets. Mais algum tempo, e nós veremos a vitória do comunismo em todo o mundo, veremos a formação de uma República Federativa Mundial dos Sovietes.”²

Tendo sido recém-fundada a III Internacional Comunista, Lenin traça um panorama da história das outras duas Internacionais, liga-as aos fatos históricos e apresenta a Internacional soviética como uma continuidade necessária à luta dos trabalhadores após a falência da social-democracia na Europa. Esse órgão foi dissolvido no ano de 1943.

Em 1920, termina a guerra civil, saindo vencedor o Exército Vermelho e o Estado Bolchevique é implantado na Rússia. Com o objetivo de reorganizar a economia do país, em 1921, Lenin estabelece a NEP – Nova Política Econômica- que dava liberdades econômicas à população, mas sendo orientada pelo Estado. A aplicação da NEP teve como resultado um grande crescimento industrial e agrícola da Rússia.

Em 1922 foi estabelecida a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Após 2 anos de sua criação morre Lenin o grande idealizador do Estado Soviético, iniciando uma disputa pelo poder entre Trótski e Stalin.

5.2.2 Stalin

Iosif Vissarionovich Djughashvili, mais conhecido como Josef Stalin, nasceu em Gori, na Geórgia, em 1878. Stalin era filho de um sapateiro e de uma faxineira, não teve uma infância fácil, teve varíola que o deixou com várias marcas no pescoço e no rosto por toda a sua vida e também nasceu com o braço esquerdo com 5 cm mais curto e dois dedos do pé colados. Em decorrência de todos esses problemas físicos, Josef Stalin não consegue se alistar no Exército para combater na 1ª Guerra mundial, sendo dispensado.

Quando Adolescente, Josef estudou em um seminário da Igreja Ortodoxa Russa em Tbilisi, onde aprendeu o idioma russo e a raciocinar de maneira sistemática,

² Discurso de Lenin sobre a fundação da Internacional Comunista (Comintern), em 1919, disponibilizado no youtube no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=JI1iKYfnPvc>. Acesso em: 10 out. 2018.

lendo panfletos marxistas clandestinos e por conta de viver num lugar repressivo, adquire uma consciência política. Aos 20 anos, desiste do seminário e passa a desejar se dedicar a revolução na Rússia.

Stalin decidiu se associar aos comunistas russos, em especial aos bolcheviques que era um grupo liderado por Vladimir Lenin. Em 1905, Josef teve o primeiro contato com os bolcheviques em um congresso realizado na Finlândia, foi neste momento que resolve se articular com os membros do partido, conseguindo a simpatia de Lenin.

Em 1924, com a morte de Lenin, Leon Trótski (líder do exército vermelho) e Stalin (Chefe do Partido Comunista) tinham participado do processo revolucionário ocorrido na Rússia, conquistando ambos um grande prestígio entre os membros do partido comunista, decidem disputar a liderança da União das Repúblicas socialistas soviéticas - URSS.

Trótski e Stalin tinham grandes divergências políticas. O líder do exército vermelho defendia que as ideias revolucionárias deveriam ser espalhadas pelo mundo, queria a internacionalização da revolução. Em oposição, o chefe do partido comunista argumentava que era necessário primeiramente consolidar o socialismo na URSS e, só depois disso, promoveria uma revolução em vários lugares do mundo.

Em uma convenção comunista, no ano de 1924, os líderes bolcheviques decidiram pelas propostas de Josef Stalin. Foi aplicado por Stalin uma política de subordinação dos soviets às diretrizes do Partido comunista e, logo em seguida, Trótski foi afastado do governo, do partido comunista e expulso da URSS.

Josef Stalin, a partir de 1928, já tinha autonomia para realizar medidas político-econômicas, como consolidar o Estado unificado através da repressão de qualquer movimento contrarrevolucionário e a criação de uma série de planos quinquenais.

Já em 1930, inicia-se um processo de coletivização das propriedades agrícolas dos países vinculados à União soviética, acarretando desapropriação de fazendas. Isso era em decorrência da implementação dos planos quinquenais. Houve a criação dos sovkhozes (propriedades estatais), dos kolkhozes (propriedades coletivas) e o desenvolvimento de indústria de base a partir do financiamento dos setores de educação e tecnologia.

O líder da URSS passa a ser apoiado por diversos partidos comunistas espalhados pelo mundo. Dessa maneira, as diretrizes políticas dos movimentos comunistas de vários países são orientadas pelo Komintern – congresso que discutia assuntos relacionados ao comunismo internacional. Em 1934, a União Soviética

conquista sua entrada na Liga das Nações, um reconhecimento político das nações capitalistas.

Stalin propôs uma grande expansão territorial na URSS conquistando diversos territórios e, em 1939, teve que lidar com a ameaça do nazismo. No dia 23 de agosto de 1939, pouco tempo antes de Alemanha invadir a Polônia e ter início a Segunda Guerra Mundial, Hitler e Stalin firmam um pacto de não agressão.

Em 22 de junho de 1941, Adolf Hitler rompe o pacto e dá início a invasão e tomada das principais cidades da URSS. Josef Stalin passa a realizar aliança militar com países do ocidente que combatiam o eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o eixo formado pela Alemanha é derrotado pelo outro eixo formado por países do ocidente e dentre eles estava a URSS. Stalin permaneceu à frente da URSS, mas em pouco tempo os delineamentos ideológicos dos soviéticos e das potências ocidentais mostraram-se absolutamente antagônicos e houve a instalação da ordem bipolar, conhecida como a Guerra Fria.

Em fevereiro de 1953, Stalin morre aos 73 anos de idade de um derrame cerebral, responsável por converter a União Soviética de um país agrário em uma potência militar, sua imagem de herói acarretou a indicação por duas vezes ao Prêmio Nobel da paz.

5.2.3 Che Guevara

Ernesto Rafael Guevara de La Serna nasceu na Argentina, em 1928, numa cidade chamada Rosário. Em 1947, ingressa no curso de medicina, em Buenos Aires e aos 23 anos de idade, faltando 3 matérias para se formar, Che decide fazer uma viagem por toda a América do Sul.

Em 4 de janeiro de 1952, partindo de Buenos Aires, Che Guevara viaja com seu amigo bioquímico Alberto Granado para percorrer mais de 10 mil quilômetros em cima de uma moto Harley-Davidson velha chamada "Poderosa", descendo a costa atlântica argentina, atravessando os Andes até o Chile e depois vão para o norte.

Durante a viagem, Che presenciou a realidade da pobreza e desigualdade existente nos países que conheceu, criou uma consciência política e conheceu as teorias de Karl Marx através de Hugo Pesce um amigo que conheceu durante a viagem. Hugo era médico no Peru, membro do Partido Comunista e cuidava de uma colônia de leprosos.

Depois de 8 meses de viagem, Ernesto Che Guevara volta para casa e decide que o melhor jeito de ajudar era combater os responsáveis pelas injustiças políticas que contribuía para a proliferação da pobreza.

Em 1953, Che Guevara conclui o curso de medicina, com especialização em doenças alérgicas, na Argentina, partindo em seguida para a Guatemala, onde o presidente tinha sido deposto por um golpe arquitetado pela CIA. O período que Che chegou a Guatemala, o país vivia em uma difícil situação e estava na iminência de ocorrer uma revolução.

Na Guatemala, Che Guevara exerce seu ofício como médico, passa a ter um grande contato com o regime socialista, se firmando com revolucionário e opositorista dos Estados Unidos da América (EUA), chegando a participar de grupos de combate ao governo. Lá, conheceu sua primeira esposa, Hilda Gadea que juntos tiveram que fugir para a Cidade do México e logo em seguida conhece Fidel Castro, um opositor do governo de Fulgêncio Batista em Cuba.

Em 1952, Fulgêncio Batista, apoiado pelos EUA, dá um golpe de Estado e cria uma ditadura em Cuba. Após esse episódio, o país por uma grande crise, cresce o número de analfabetos e a pobreza, ocorre uma significativa concentração de posse de terra, tudo isso, acarretou o descontentamento da população.

O Ditador Batista, em junho de 1952, cancela as eleições que ocorreriam e Fidel Castro que seria um dos candidatos, começou a organizar uma rebelião para depor o governo. Fidel não obteve êxito no seu levante, sendo capturado e condenado a 15 anos de prisão, em seguida foi libertado por uma anistia a presos políticos e teve que se exilar no México.

Fidel Castro ao ter os primeiros contatos com Ernesto Che Guevara narra para o colega todos os problemas vividos pelo povo cubano na Ditadura de Fulgêncio Batista. Fidel convida Che para participar do movimento de derrubada do governo opressor que existia em Cuba.

Che, em 1955, resolve participar da guerrilha de Cuba, junto com Fidel Castro e seu irmão Raúl Castro. Fidel fundou o movimento 26 de julho que era uma organização política, responsável por reunir e Guevara ficou responsável pela estratégia militar.

Em novembro de 1956, os irmãos Castro, Che e mais de 80 rebeldes seguem para Cuba de barco com o objetivo de tomar o poder. Fidel e Che Guevara ao

chegarem no território cubano, passam a recrutar camponeses e durante dois anos (1956 – 1958) realizam inúmeros ataques.

Em decorrência de vários confrontos que aconteceram em Cuba, como a tomada de Santa Clara e Santiago de Cuba, a ditadura de Fulgêncio Batista entra em crise e uma revolta popular sai às ruas contra o governo, então o ditador foge do país.

Em 1º de janeiro de 1959, o grupo revolucionário liderado por Guevara e Castro invadem Havana, a capital cubana, para ocupar o vazio do poder. O sistema político do país foi modificado de capitalismo para socialismo e Fidel Castro tornou-se o novo presidente.

Em Cuba, Ernesto Che Guevara casou outra vez, teve quatro filhos e ocupou diversos cargos no governo de Fidel Castro. Che foi o embaixador de Cuba pelo mundo, até discursou na ONU em 1964, entretanto, sua permanência em Cuba foi breve. Sempre com sua ideologia marxista, Che não quis governar Cuba, pois desejava continuar realizando revoluções em outros lugares e partiu para a África.

Em 1965, O Congo estava sendo governado pelo ditador Joseph Mobutu. Che Guevara liderou outros guerrilheiros para lutarem contra o governo ditatorial, mas houve um fracasso total da sua revolta. Logo após, arquitetou um plano para criar uma guerrilha na Bolívia para derrubar o governo e instalar o regime socialista naquele país.

A Bolívia vivia uma ditadura do general René Barrientos, apoiado pelos EUA. Os objetivos de Che de tomar o país não se concretizaram, ele foi preso na floresta por uma emboscada feita pelo exército boliviano e alguns agentes da CIA (Agência Central de Inteligência Norteamericana). Após sua captura, Che Guevara foi julgado como um líder perigoso e no dia 9 de outubro de 1967 mataram-no.

5.2.4 Mao Tsé-Tung

Mao Tsé-tung nasceu no dia 26 de novembro de 1893, numa aldeia de Shaoshan, na província de Hunan, China. Era pertencente a uma família de camponeses e recebeu uma educação escolar até os 13 anos, a partir dessa idade passa a trabalhar na Lavoura da com seus pais.

O Jovem Mao mudou-se da casa dos pais para ingressar numa escola preparatória para o magistério em Changshga. Lá, obteve os primeiros contatos com os primeiros contatos com o pensamento ocidental. Posteriormente, alistou-se no exército nacionalista por um período de seis meses apenas.

Mao volta para Changsha e torna-se diretor de uma escola primária. Mais tarde, passa a trabalhar como bibliotecário auxiliar da universidade de Pequim, foi exatamente no seu ambiente de trabalho que conseguiu ter acesso a livros de Bakunin e Kropotkin, além de ter contato com os chineses Chen Dixiu e Li Dazhao responsáveis pela fundação do partido comunista chinês.

Durante o século XIX, a China foi saqueada pelas potências imperialistas, viveu um caos político e econômico em decorrência dessa exploração. A insatisfação dos camponeses contra o sistema colonialista de exploração do seu país correspondia a maioria da população, resultou na formação do Partido Nacional Chinês.

Como o fim da primeira grande guerra, a China mesmo aliada dos vencedores, teve que aceitar um artigo do Tratado de Versalhes que estabelecia ao Japão o direito de posse das concessões alemãs em território chinês.

Estudantes ficaram revoltados com o fracasso da diplomacia do governo chinês de aceitação, por parte do governo, das exigências feitas pelo Japão sobre a China e concedidas no Tratado de Versalhes. Em 1919, os estudantes, apoiados por diversos setores, organizaram o “Quatro de Maio” um movimento que levou mais de três mil estudantes pelas ruas de Pequim e Mao Tsé-tung participou ativamente.

Em 1921, Mao Tsé-tung junto com os jovens estudantes criaram o Partido Comunista chinês (PCC), sob influência da Revolução Russa de 1917. Dois anos depois, O partido Comunista Chinês forma uma aliança com o Partido Nacionalista que era liderado Sun Yat-sen, ficando Mao responsável pela organização.

Mao resolve voltar para sua cidade natal, já influenciado pelo socialismo implantado na URSS, entendia que o sofrimento dos camponeses era a força que deveria promover a mudança social naquele país, ideia que expressou em um de seus textos chamado “Pesquisa sobre o movimento campesino em Hunan”.

Em 1927, ocorre a quebra da aliança dos nacionalistas com os comunistas, devido a um golpe militar realizado pelo sucessor de Sun Yat-sen na liderança do Partido Nacionalista, Chiang Kai-shek e a partir de então inicia-se o processo revolucionário Chinês.

Mao Tsé-Tung acompanhado dos comunistas se refugiaram no campo, onde organizaram o Exército Vermelho que era uma milícia do partido comunista para combater os nacionalistas. O Partido Comunista desenvolveu uma guerrilha rural tendo como modelo a realizada pelos comunistas brasileiros na Guerrilha do Araguaia.

Em 1930, Mao tem sua primeira esposa assassinada pelos nacionalistas. No ano seguinte, 1931, foi eleito presidente da República Soviética da China, com base na província rural de Jiangxi, instigou todo o comitê do partido comunista a abandonar a burocracia da política urbana e focar toda sua atenção para os camponeses.

Em 1934, o Partido nacionalista organiza uma grande campanha militar para derrotar os comunistas, conseguiu cercar as tropas do exército vermelho e Mao sem escolha, conduz o Exército vermelho pela chamada “Longa Marcha”, percorrendo mais dez mil quilômetros até o noroeste da China.

Durante a segunda guerra mundial, o Japão tinha invadido o norte da China, situação que desencadeou uma aliança entre os partidos comunista e nacionalistas com o objetivo de expulsar os japoneses que se alojaram no país.

Com o fim da segunda grande guerra, os comunistas e socialistas travaram uma nova guerra civil. Os comunistas conquistaram mais prestígio junto ao povo chinês, por causa da resistência as tropas japonesas, além do apoio da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No dia 1º de outubro de 1949, sob a liderança de Mao Tsé-tung, os comunistas derrotaram os nacionalistas e foi proclamada a República Popular da China.

Depois de décadas de guerra, a China um extremamente pobre e atrasado, com o intuito de reverter essa situação, Mao Tsé-tung cria o “1º Plano Quinquenal”, seguindo o modelo soviético. Buscou estimular a industrialização e aumentar a coletivização da agricultura mediante a multiplicação de cooperativas agrícolas, mas não foi exitosa a implantação desse plano.

Mao Tsé-tung, em 1958, cria o “2º Plano Quinquenal” chamado de Grande Salto para Frente, da mesma maneira que aconteceu com o primeiro não obteve os resultados previstos. Em 1959, Mao, em decorrência dos reflexos das falhas do grande salto, deixa a presidência da China e assume a presidência do Partido Comunista.

Em 1964, foi publicado o “Livro Vermelho” que era uma coletânea dos discursos de Mao Tsé-Tung. Um instrumento utilizado para desenvolver um culto à personalidade de Mao para doutrinação em massa e enfatizava a ideia de que o maoísmo era o ápice do pensamento marxista-leninista.

Em 1966, inicia a Grande Revolução Cultural Proletária, mobilizou as massas contra as velhas lideranças do Partido Comunista Chinês que queriam uma linha política mais moderada. Mao com o apoio dos guardas vermelhos, recrutou

estudantes e camponeses, estabeleceu uma política de educação socialista para as massas e para as instituições, como única forma de conseguir um verdadeiro socialismo.

Em 1969, Mao Tsé-tung volta à Presidência da China, desempenhada até sua morte, em Pequim, no dia 9 de setembro de 1976. A viúva de Mao, Jiang Qing, não conseguiu se manter no poder por muito tempo, pois os opositores do seu marido deram um golpe de Estado.

CONCLUSÃO

Diante a análise realizada a respeito do desenvolvimento da burguesia, pôde-se compreender que no decorrer de sua caminhada histórica, Marx possibilitou tornar notáveis as noções de classe a partir dos seus ideais, que estão intrinsecamente ligadas à oposição e lutas entre diferentes grupos sociais. Desse modo, compreende-se que a burguesia, primeiro, enfrenta as forças da Idade Média, clero e nobreza, para, após alcançar seu apogeu, enfrentar sua criação: o proletariado.

A vitória no início de seu desenvolvimento proporcionou a classe burguesa uma liberdade de ação e a possibilidade de seu crescimento. Alcançando o ápice de sua influência, passa a oprimir de forma mais intensa do que foi oprimida, a classe proletária, então, sofre nas mãos burguesas. Isso, contudo, passou a dar condições para os operários se organizarem na tentativa de derrubar o poder burguês, passando de caça para caçador.

É possível compreender, também, que Karl Marx possuía uma visão otimista em relação à luta de classes. Ele acreditava que, ao final da batalha estabelecida entre capitalistas e operários, os operários levariam a vitória por serem a maioria em quantidade, ou seja, a grande maioria da sociedade venceria. Constrói-se, a partir desse ideal Marxista, um mundo no qual todas as diferenças de classes desapareceriam.

Desataca-se ainda a influência das teorias Marxistas na revolução russa de 1917 realizada por Lenin diante a implantação do Socialismo e a criação da União das Repúblicas socialistas soviéticas – URSS. Também inspirada nas ideias de Marx, Mao

Tsé-Tung participa da revolução comunista chinesa e Che Guevara a revolução cubana, estabelecendo o regime socialista em cuba.

Conclui-se, portanto, que as contribuições teóricas de Marx para a sociedade atual são imprescindíveis, pois na concepção sociológica, as classes são bem divididas. Uma classe é a dos operários e a outra é a dos capitalistas, ambas distintas, visto que o benefício de uma é o prejuízo da outra. Dessa forma, Marx propôs novas formas de visualizar o mundo e a sociedade em que vivemos, pois continuamos seguindo o mesmo ciclo de modos de produção que Marx descreveu anos atrás.

THEORETICAL LEGACY OF KARL MARX AND THE BOURGEOISIE AS OPPRESSIVE CLASS

ABSTRACT

The present work deals with a theoretical analysis about the bourgeoisie and its development and consolidation as a ruling class from the standpoint of the socialist philosopher Karl Marx and his legacy like a social scientist. In this sense, the aim of this study is to try to understand the transition of the bourgeoisie as an oppressed class to become the oppressive class of the modern worker, through a historical-social analysis, in order to highlight the concept of class and its particularities in order to understand the space conquered by the bourgeois class in the 21st century. In summary, describes itself the historicity of the bourgeoisie and its rise in the different periods of history, as well as the biography of Marx and some theorists and politicians influenced by the Marxist theory. The methodology used is based on bibliographical research to contextualize the theme. The information was analyzed from a qualitative approach in order to highlight the Marxist view about the development of the bourgeoisie. It is concluded that Marx's contributions to the historical struggles and the development of class division and the oppression generated through it were many.

Keywords: Karl Marx; bourgeoisie, proletariat, dominant classes.

REFERÊNCIAS

A terceira internacional e seu lugar na história (Lenin). **Blog marxista-lenista-maoísta, principalmente maoísta (Brasil)**. Disponível em:

<<https://serviraopovo.wordpress.com/2017/06/03/a-terceira-internacional-e-seu-lugar-na-historia-lenin/>>. Acesso em: 3 out 2018.

BIGOTO, B. M. A participação da burguesia francesa nas revoluções e movimentos sociais contemporâneos. **Rev Cientif UNAR**. v. 15. n. 2. p. 67-85. Araras, 2017.

BRAUDEL, F. **A Identidade da França**. v. 1. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

CAVALHEIRO, A.; ALVES, J.; GIORDANI, J.; CABANAS, M.; BARIDÓ, M.; TORRES, R. Marx. **Cultura Brasil**. 1998. Disponível em:

<<http://www.culturabrasil.org/zip/marx.pdf>>. Acesso em: 3 out 2018.

COGGIOLA, O. **Marx e Engels na história**. São Paulo: Humanitas, 1996.

DURKHEIM, E. **A evolução pedagógica**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREITAS, E. Che Guevara, Ernesto. **Mundo educação**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/che-guevara-ernesto.htm>> Acesso em: 08 out. de 2018.

GUEVARA, E. C. **De moto pela América do Sul: diário de viagem**. Trad. Diego Ambrosini. 2ª ed. São Paulo: SÁ Editora, 2001.

GUIZOT, F. **Sobre as origens das corporações de ofício**. In. OLIVEIRA E MENDES. Formação do terceiro estado as comunas. Maringá: Eduem, 2005.

GUIZOT, F. **História da civilização na Europa**. Lisboa: Livraria, Editora e Oficinas Typographicas e de Encadernação, 1907.

KURKDJIAN, A. N. O.; LIMA, B. D. T. C. Karl Marx – A história de sua vida. **Crítica Marxista**. n. 38. p. 161-164. 2014.

MIGLIOLI, J. Dominação burguesa nas sociedades modernas. **Crítica Marxista**. v. 16. n. 36. p. 13-31. 2010.

MILIBAND, R. **Marxismo e política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PIRENNE, H. **A história econômica e social da Idade Média**. Trad. Lycurgo Gomes da Motta. 6. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

PLEKHÂNOV, G. **Os princípios fundamentais do marxismo**. São Paulo: HUCITEC, 1972.

POMAR, W. **A revolução chinesa**. São Paulo: UNESP, 2004.

SALATIEL, J. R. **Revolução Chinesa - 60 anos: Socialismo à chinesa sobrevive ao século 20**. Disponível em: < <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/revolucao-chinesa---60-anos-socialismo-a-chinesa-sobrevive-ao-seculo-20.htm>> Acesso em: 08 out. 2018.